

Não percebo razão para inovar a "Rural" sua atitude de aplausos, passando para a de condenação, pelo simples fato de parecer ambígua a interpretação de "riado para melhor". O natural é que sem alteração de sua primitiva atitude, até mesmo em função dela, promova a "Rural" diligências junto à diretoria executiva do IBC para que dê interpretação ainda mais tranquilizadora e positiva a respeito da expressão "livre de gôsto Rio". Isso, aliás, já está sendo feito pela tradicional entidade e estamos certos de um comportamento favorável por parte dos diretores e do presidente do IBC, que tudo estão fazendo para atender aos justos reclamos da lavoura — concluiu o sr. Plínio Cavalcanti.

O sr. Arnaldo Borba de Moraes declarou, a seguir, que ninguém poderia ser contra a orientação do esquema financeiro e regulamento de embarques no sentido de estimular a produção de cafés finos, orientação essa de longa data adotada pela Sociedade Rural Brasileira em campanha ininterrupta que vem promovendo no meio cafeicultor paulista.

Foi, por isso, que aplaudiu sem reservas, a princípio, a nova política do café inaugurada pelo governo da República para a safra 1961/1962.

Acontece, porém, que examinando, posteriormente, com mais cuidado, os detalhes do Regulamento de Embarques, notou que certas expressões nêle contidas podem ocasionar graves prejuízos aos produtores de S. Paulo e Paraná, quanto à classificação por bebida dos cafés da quota denominada «Cafés de boa descrição» de tipo 5/6, na parte qualitativa de «Riado para melhor».

Dependendo a aferição da bebida do critério de classificador, temia que os cafés duros característicos de S. Paulo e Paraná, baixassem para os de «gosto Rio», caindo, assim, na tabela de preços para Cr\$ 1.700,00, não exportáveis.

Evitar-se-ia esse desastre para o lavrador, se a direção do I.B.C. esclarecesse que os cafés riados 5/6 produzidos nos Estados de S. Paulo e Paraná, pelas suas características diferentes dos produtos nos Estados do Rio, Espírito Santo e Zona da Mata de Minas, não seriam considerados de «gosto Rio», sabido é que os destas regiões são identificados pelo simples cheiro.

Concordava, pois, que a diretoria da Sociedade Rural Brasileira diligenciasse a fim de conseguir da direção do I.B.C. essa providência indispensável para tranquilidade dos cafeicultores.

— Sobre o assunto, falaram ainda os srs. Alcindar Monteiro Junqueira, Alberto Prado Guimarães, Hélio Rubens Junqueira Caldas, Antonio M. Alves de Lima e José Eduardo Ferreira Sobrinho.

— O sr. Luís Piza Sobrinho, no final dos debates, declarou que levaria ao conhecimento da Diretoria da entidade as propostas feitas durante a reunião.

DE CADA 10 BRASILEIROS, 7 TÊM AMARELÃO!

O que é a doença, como curar-se e como evitá-la

J. B. FONSECA

Ninguém, que viva em condições higiênicas semelhantes às do interior, pode sentir-se imune ao amarelão. Não raro, o mal consegue implantar-se mesmo nas pessoas residentes nas proximidades das Capitais. É fácil compreender como isso pode ocorrer: como se sabe, os vermes da doença penetram na vítima pela palma dos pés, em contato com a terra onde um portador do amarelão tenha defecado. Ora, em todas as vilas, subúrbios ou lugares onde faltem privadas e seja hábito o defecar-se no solo, basta a presença de um doente para infestar toda a região.

AS CRIANÇAS, AS MAIS ATINGIDAS

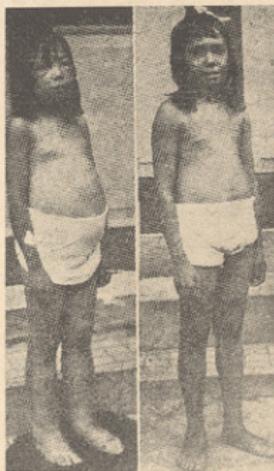
Este mal, conhecido pelo nosso povo também sob a denominação de cansaço e opilação, é um dos grandes responsáveis pelo nosso atraso. Instalando-se nos intestinos do doente, os vermes do amarelão alimentam-se do seu sangue, debilitando-o, produzindo-lhe cansaço, mal estar generalizado e privando-o da alegria de viver. Em alguns casos mais graves, o doente sente cólicas e defeca sangue. As crianças, especialmente, ficam barrigudinhas, amêmbicas, inapetentes, e, na escola, não conseguem desenvolver-se. O «Ankistomina» Helminológico Escolar, de Barca Pelon e Isnard Teixeira, editado pela Divisão de Organização Sanitária do Ministério de Educação e Saúde, acusa índices assustadores da incidência do amarelão entre os escolares:

Piauí	69,97%
Maranhão	68,07%
Bahia	49,86%
Mato Grosso	47,74%
Sta. Catarina	44,09%
Goiás	40,66%
Minas Gerais	40,51%

De cada dez brasileiros, calcula-se em sete o número de pessoas opiladas. No Estado de São Paulo, segundo as pesquisas de Hackett, 67 pessoas, em cada grupo de 100, são portadoras do mal.

A CURA

A cura do amarelão não é difícil. Depende apenas de alguns cuidados elementares e simples. Primeiro, é preciso que o doente expulsa os vermes dos intestinos. Isso é possível mediante um vermífugo específico para o mal, do



Criança atacada de amarelão: doente e curada. (Foto do livro «Amarelão e Melioidose» do Dr. Belisário Penna).

tipo «Ankistomina». Depois de libertado dos vermes, o paciente deverá recuperar-se com fortificantes e cuidar de não andar descalço.

Para os que trabalham na roça, as autoridades sanitárias do Ministério da Saúde estão aconselhando a construção de privadas nas proximidades do local de trabalho e pedindo a todos os interessados que evitem defecar no solo, pois isso somente pode correr para espalhar a moléstia, a começar por seus próprios familiares.

O PAPEL DOS FAZENDEIROS

Os fazendeiros, interessados em contar com homens mais sadios em suas lavouras, deverão aconselhar aos seus agricultores o uso de calçados e a construção de privadas. Nas fazendas onde o mal tenha atingido maiores proporções, aconselha-se a distribuição, entre os colonos, de remédios de combate ao amarelão. Esta providência poderá ser tomada pelo próprio fazendeiro, de comum acordo com as autoridades sanitárias locais, que poderão orientá-lo a respeito.